

SOU JURÁSSICO OU ONDE ESTAMOS? CONSIDERAÇÕES INCIPIENTES SOBRE A VISÃO DE CARLA E. MATTEI EM TORNO DA AUSTERIDADE ECONÔMICA.

Werner Schror Leber

I

Recebi de um colega, em formato PDF, o texto da economista italiana Clara E. Mattei, cujo título, pouco convencional, longo despertou a minha atenção: *A ORDEM DO CAPITAL: como economistas inventaram a austeridade e econômica e abriram caminho para o fascismo*. Facismo!! Epa, pensei, Vou ver esse negócio aí. Fui leitor de Hayek, Keynes, Smidt, Paul Singer, Marx, Sowell e outros, pensei: será que todos estão enganados? Como assim que a austeridade deu origem ao fascismo? Fiquei curioso, afinal, estou longe de ser o dono da verdade e talvez, como conservador, permito sempre a possibilidade do erro e do engano. Com Sócrates, aprendi que mesmo que não se concorde com nada daquilo que o outro diz, o erro pode ser sempre meu e não do outro. E Immanuel Kant, vez mais, reforçou esse princípio em mim. Mesmo assim, pensei cá com meus tutanos meio esturricado pelo calor que por ora faz aqui no Sul, “será que aquilo que até li, ouvi, percebi e aprendi sobre economia e sociedade está errado, refutado e pertence ao ostracismo”? Como não percebi isso antes?

De cara li umas trinta páginas do livro em formato pdf, assim mesmo na tela do computador e a coisa foi ficando séria. Eu não conseguia entender o que a autora estava a dizer com todos aqueles bordões contra o capitalismo feito uma adolescente recém ingressa na universidade. Ou melhor, eu entendia, mas afigurava-se que ela queria fazer um automóvel rodar sem ter rodas. Parecia-me que algo faltava ali. A denúncia contra o grande capital, o arrocho nos salários, falta de investimentos, todos atribuídos à visão econômica liberal que defende a austeridade monetária como sendo um problema e não uma ação necessária e elementar, era algo muito estranho. Era estranho pois não seria difícil fazer uma lista de quem pensa exatamente o contrário. Parecia-me com o que que C. S. Lewis descreve em “**A abolição do Homem**”, cuja edição primeira data de 1943. Segundo Lewis, a mentalidade revolucionária é parecida a uma árvore em que os galhos rebelam-se contra o tronco. Seria isso, pensei! Não pode ser, afinal Lewis já foi descrito como jurássico antes da 2ª grande guerra. Li mais algumas páginas do livro de Mattei, mais no miolo do livro e nada se resolvia. Foi quando entrei no Google procurei informações sobre a autora. Lá, quase que indistintamente, ele é citada como uma pessoa de visão revolucionária e que fez o velho liberalismo ser chutado para o abismo de vez. Pensei, caramba, preciso ver isso aí. Afinal, a perspectiva da autora depunha

contra às minhas convicções e às de muita gente. E, encontrei uma entrevista com a economista Carla Mattei, formada em filosofia, no G1 do grupo Globo. Eis abaixo minhas pobres ponderações, sem ainda ter lido o livro todo. Mas a entrevista deixa claro o que não entendi até agora.

II

Pois bem, dei-me ao trabalho "infrutífero e nauseante" de ler a entrevista com essa economista filósofa. Minha impressão de imediato apontou que trata-se só de mais uma voz oficial do coletivismo moderninho, ou alguém que ainda não saiu do DCE da Universidade.¹ Denuncia a falta de "neutralidade das vozes defensoras da austeridade", e isso se percebe também no prefácio do livro, mas pouco foi capaz de autoavaliar-se e perguntar-se se as premissas dela própria também não são apresentadas como "neutras", quando não passam de propaganda e apologia para gastadores assolarem os sagrados recursos públicos. Como sabemos, tão difíceis de angariar e fáceis de serem desperdiçados ou negligenciados. Bastariam umas poucas laudas da obra de Sowell (Os intelectuais e a Sociedade), ou um pouco de bom senso, para contrapor e melhorar a entrevista. Talvez assim, a autora deslancharia e demonstraria de uma vez por todas como a austeridade monetária e econômica é a "mãe do fascismo". Nova ainda, nasceu em 1988, tem a idade de meu filho. Percebi que em nenhum momento ela fala de onde vem o dinheiro que os governos têm para gastar, investir e fazer festa, já que para a vanguarda intelectual todos devem sempre estar felizes e igualmente assistidos. E em nenhum momento, estrategicamente, a pergunta também é feita. Há rodeios, mas nenhuma com clara intenção de saber como se daria isso. Óbvio, o G1 a protegeu para manter o discurso com o qual o Grupo Globo compactua. Perguntou só o que não compromete e o que permite dar vazão à tese da autora: apontar que a austeridade monetária é tão somente um instrumento da classe dominante para extorquir, arrochar salários, aumentar impostos e aumentar taxas de juro para produzir misérias e manter a maioria trabalhadora cativa. Mas sobre a origem dos orçamentos públicos, nada é dito e nem de longe são deixadas brechas para que isso possa ser cogitado.

Bom é sempre "desmascarar a neutralidade" dos outros e pôr a si próprio em um patamar inatingível pela visão comum das pessoas, aquelas mesmas oprimidas e dilaceradas pelo capitalismo austero. Intelectuais são perigosos por isso. Eles também criam e inventam situações que podem estar totalmente equivocadas, mas a forma como

¹ O texto pode ser lido no endereço que segue: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/clara-mattei-a-economista-que-desmascarou-austeridade/> (acesso em 16/02/2024)

as fazem permitem que eles se camuflam em suas teorias, sem que sejam atacados. Ela finge, ou piamente acredita, que o dinheiro surge "do empoderamento dos trabalhadores" ou que o "desejo da maioria" trará sempre os recursos para a produzir a sonhada justiça social. Haja cardocracia! Em que lugar do planeta pode-se dar crédito a algo assim? Em todo e qualquer lugar em que a razão mínima foi posta na latrina. Infelizmente não existe qualquer possibilidade de a "maioria" ser sempre a fonte de todos os recursos. É uma fantasia, algo que beira a infantilidade ou a ingenuidade. Seria vigarice? Falta aqui uma visão central para explicar como vai-se fazer as coisas.

Se o capitalismo está em mudança e tem crises constantes, o que é notório, é preciso então dizer como se fará para melhorar a distribuição de renda, aumentar os salários, produzir comida, moradia, essas coisas mais básicas que os conservadores sabem que são necessárias, porém difíceis de alcançar. Apenas atirar ao ventilador algumas constatações e contestações, que podem ser verdadeiras, sobre o capitalismo e a austeridade, não transformam em verdade aquilo que o contestador afirma. Ela cometeu um erro elementar: duas verdades expressas em premissas paralelas não produzem uma terceira verdade derivada dessas premissas. Exemplo: todo humano é mamífero e todo gato é mamífero não permite concluir que humanos sejam gatos e seu oposto.

Em qualquer estudo de economia sério, perceber-se-á que os recursos necessários são escassos e a disponibilidade que a natureza apresenta é insuficiente para alimentar um mundo de 7,5 bilhões de pessoas. Achar que se pode eliminar as desigualdades por decreto ou criar um nova teoria monetária desconsiderando a realidade empírica é tão irreal quanto decretar uma Lei proibindo o surgimento do câncer. Novas formas de riqueza, novas categorias mercantis, novas maneiras de plantar, novas sementes, novas organizações sociais são necessárias e surgirão sempre. Que conservador e monetarista não sabe disso? Ora, a natureza não tem de *per si in sola naturae* condições de fazer frente às necessidades mais elementares de 7,5 bilhões de vidas. Mas quando lança-se a pergunta como fazer surgir a riqueza, a moeda, os recursos financeiros, a comida, a tecnologia, a construção de escolas? De onde tirar investimento válido e não moeda podre corroída pela gastança desenfreada de governos vanguardistas irresponsáveis, não ouve-se nada além de um ataque àqueles que defendem a austeridade com os recursos. Somente ataques sem que se entre no mérito sobre o porquê das escassez e a necessidade de algum controle. Apenas o ataque a quem controla como se fosse algo demoníaco e que devesse, ao custo que for, evitado. As consequências possíveis não

são analisadas. Que os conservadores não estejam sempre certos, é coisa evidente. Que a austeridade provoca problemas, é evidente. Mas como fazer diferente?

Voltando à questão: de onde vem os recursos de que os governos dispõem? Na verdade essa pergunta nunca é feita para que não haja análises com suficiente criticidade sobre a temática. Tal ação, decerto, demonstraria facilmente as pernas de aranha desse “progressismo financeiramente irresponsável” e levaria a autora a ter de retroceder em suas assertivas militantes. Ela é formada em filosofia e com doutorado em economia. Nosso ministro de economia, é formado em economia com doutorado em filosofia. Só para constatar, ambos são fracos, ginasianos, ridículos e com afirmações meramente sindicaiscas de tipo “universitário cabeça oca” sobre algo sério. Querem demover e ridicularizar teorias, com visões simplistas e mais militantes que academicamente embasadas. De onde, afinal, se pode concluir que a austeridade econômica, uma coisa tão elementar, é a responsável pelo fascismo? Eu não sei o que aconteceu, mas é tão elementar entender certas coisas como é elementar entender que um automóvel necessita apoiar seus pneus no solo para poder desempenhar as funções para as quais é fabricado. Uma revolução dos galhos contra o tronco não tem qualquer chance de dar certo.

REFERÊNCIA

XAVIER, Dennis Garcia (Coord.) **F. A. HAYCK e a ingenuidade da mente socialista**. São Paulo: LVM Editora, 2019, p. 2015-232.

LEWIS, C. S. **A abolição do homem**. Tradução de Remo Mannarino Filho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MATTEI, E. Carla. **A ordem do capital**: como economistas inventaram a austeridade e econômica e abriram caminho para o fascismo. Chicago: Chicagfo Univrsity Press, 2022. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226818405.001.0001>